

edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR
te pego na saída



1ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral

Padrões: Laura Guidali Amaral e Rodrigo F.S.

Revisão: Mônica Ballejo Canto e Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298t

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Te pego na saída / Fabrício Carpinejar ; ilustrações

Eloar Guazzelli. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2013.

96 p. : il. ; 21 cm. (Vida em pedaços ; 2)

ISBN 978-85-66470-19-2

1. Crônica brasileira. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III.

Série.

13-04877

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

2013

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

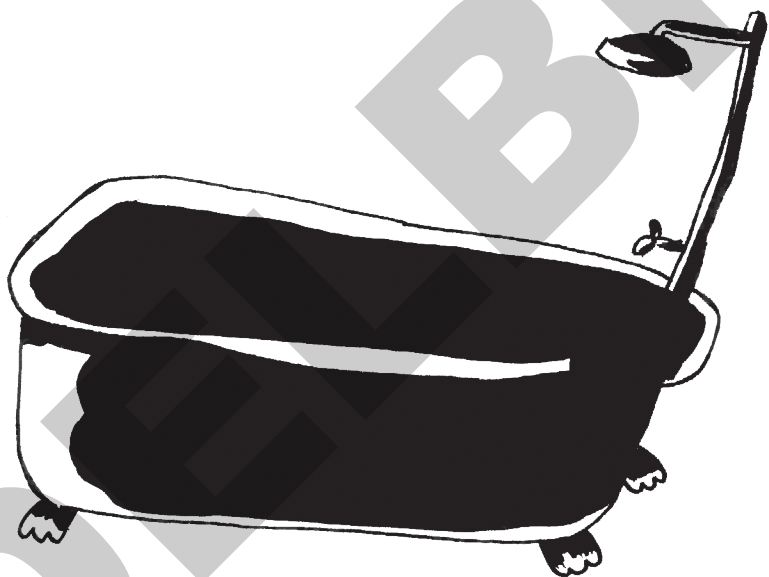
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

edelbra

FABRÍCIO CARPINEJAR

te pego na saída

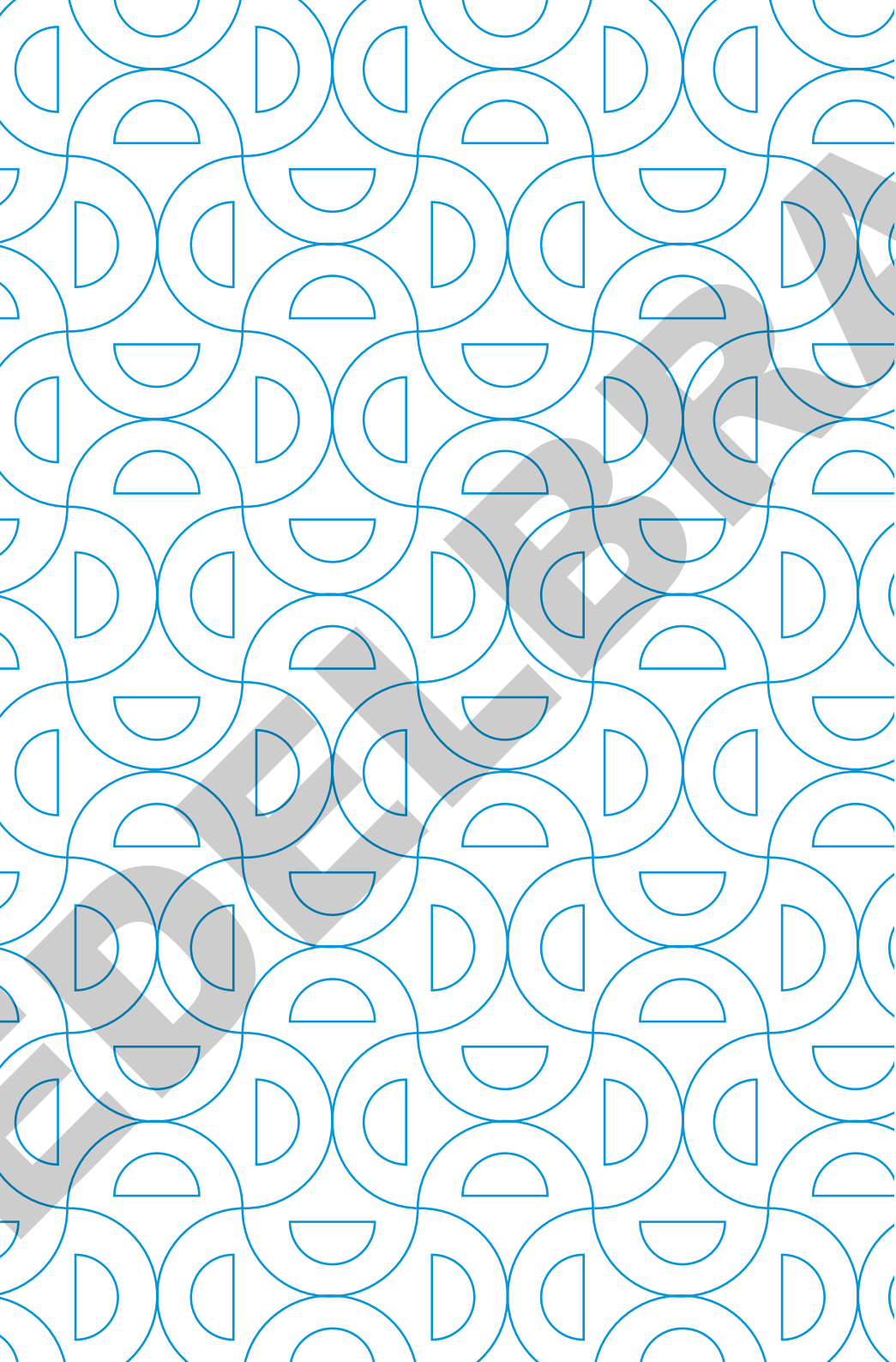


A [Coleção Vida em Pedacos](#) apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

UDELBRA

Esta é a minha biografia.

*Se eu inventei, é porque
não consegui suportar a
realidade.*

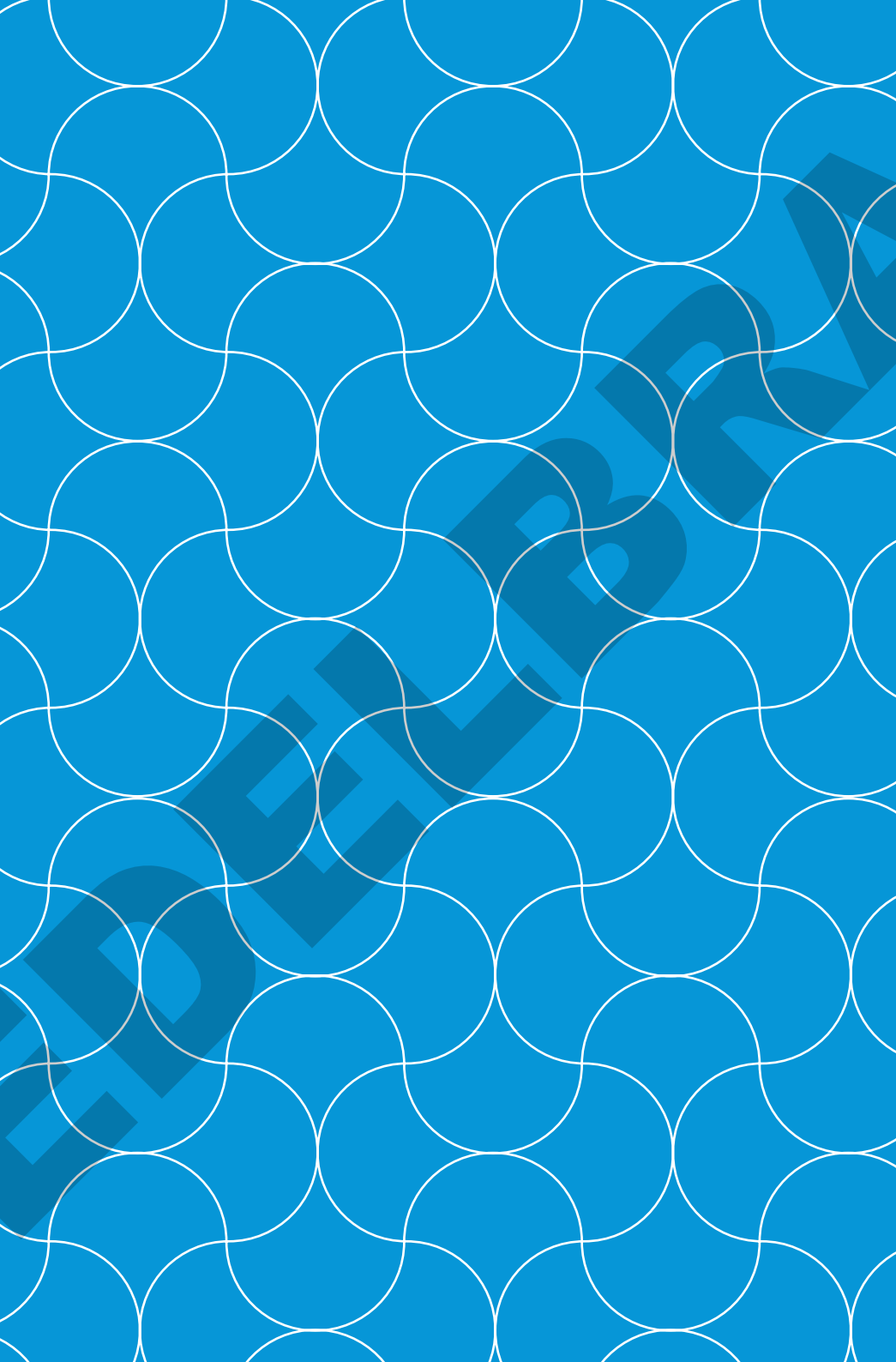


Sumário

Apaixonado e amanhecido	13
Meus cachorros	17
Crise de consciência	19
Hasteando a gravata	21
Terreno baldio	25
Atentado ao pudor	27
Encadernado pela imaginação	29
Nunca fui fiel à realidade	33
Princesa Isabel	37
Iraji	39
O tombo	43
12 de outubro	45
Quinta pergunta	47
Desamarrado	51
Te pego na saída	53
O circo	57
Lelé	61
Banheira verde	63
O abacate	65
Não tenha pena de mim	69
Alvura	73
O caçula	77
Leveza impossível	81
O que ele sussurrou no ouvido?	85
Punhado de café	89
Fabrizio Carpinejar	91
Eloar Guazzelli	91







Apaixonado e amanhecido

Apaixonono-me quando vejo uma calçada sendo lavada.

Na rua de minha infância, entre as 8h e as 9h, os moradores deixavam a reclusão da varanda e varriam as lajes com a mangueira. O Sol batia de leve seus cascos para não cair.

Arrepiavam-me os desejos de tanta gente limpar o mundo logo cedo.

As brigas de casais, as rugas com os filhos, as rugas do rosto, as pendências financeiras eram resolvidas varrendo a rua. A missa cuidava somente dos casos mais graves.

As entradas de casa transformavam-se em saboneiras. As poças espumosas e os passarinhos curiosos com a concorrência súbita das bolhas de sabão.

A harmonia dos movimentos, o som da palha esfregando o limo e as manchas, limpando o sangue de algum tombo de bicicleta, as marcas duplas do rolimã, o jogo da amarelinha.

Que vontade de consertar a vida havia naqueles cotovelos girando de cima para baixo. Remadores a

seco, cumprindo a porção de suas quadras. Alinhados. Concentrados em expiar os pecados antes do meio-dia. Viúvas, senhoras em licença-maternidade, empregadas, zeladores, aposentados em trajes humildes, irreconhecíveis em sua pobreza matutina.

A vitrola da vassoura, tchumtchumtchum.

Lavar ruas, lavar escadarias, o cheiro agudo do alvejante. Meu cuidado para passar, torcendo que o esguicho se distraísse e fosse me banhar nos dias quentes da primavera.

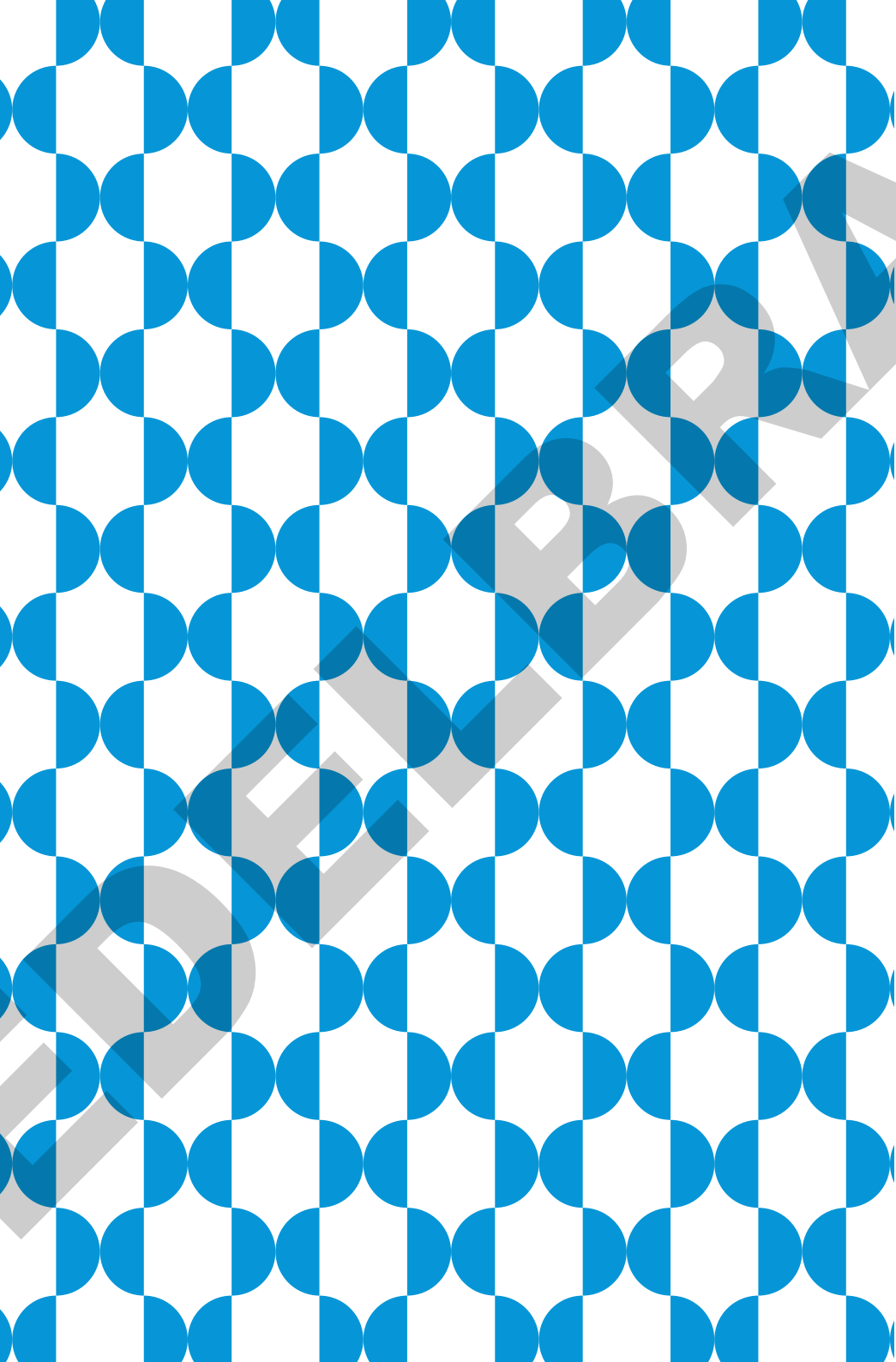
Fui para a escola, fui para universidade, sempre me encontrando com a juventude da água e as velhas mãos de seus moradores dançando no meio-fio. A corrente ia vagarosa e obediente descer a lomba até saciar a boca de lobo.

Na ordem mínima de meu bairro, a rua escovava os dentes. E as mulheres e os homens saíam ao trabalho com as noites coladas em seus corpos.

Apaixono-me quando vejo alguém lavando o piso. A manhã vaporosa dos sapatos cuidando para não escorregar. Olho otimista para o chão. Olhar para o chão não é desvalia, depressão, fracasso. Olho para o chão mais do que ao céu. E me levanto pouco a pouco, firmando as pernas da esperança.

Creio que sofri fome de amor nos meus primeiros dias, e o que enxergo chegando perto de mim é

visita. Eu me apaixono por qualquer motivo. Eu me apaixono até pela falta de motivo — a verdade é essa. Apaixono-me por estar amanhecido.



Meus cachorros

Eu tive meus cachorros e fui me desvencilhando das cordas e coleiras, da proximidade. Não criei mais laços com os latidos.

Finjo que não tenho mãos para demonstrar afeto.

Meus cães eram vivazes, vira-latas, baldios. O primeiro tinha o nome de Xodó e a empregada tratou de deixar o portão aberto de propósito. Nunca mais foi visto. Nem ele, muito menos a empregada.

O segundo surgiu no dia 7 de setembro e dei o nome de Sete. Eu assistia *Moby Dick* e chovia canivetes. Apareceu na porta, encolhido, doente e famigerado. Pedia uma vida para dar. Não sei como consegui convencer minha mãe. Criança tem seus truques. Depois de adulto, nossas mentiras assumem cacoetes e são percebidas a distância. Sete morreu ao escapar de meus braços e cruzar a rua. Era o meu aniversário, três anos juntos, seu pelo castanho combinava com meus cabelos loiros. Ele jogava futebol com laranjas. Andava pelos muros como um gato. Lambia meu rosto quando chorava. Estava colocando uma camisa nele.

Claro que cachorro não gosta de bancar o boneco de pelúcia. Ele se revoltou com a blusa e pulou para fora da calçada. Um carro o fez vento e velocímetro. A culpa me engasgou e virou asma.

Eu vi Sete se despedir debaixo das rodas. Seu olhar de pulseira de relógio, o gemido do ponteiro, que qualquer um pode escutar ao aproximar o tempo do ouvido. O gemido longo — início de um uivo — que guardei no pátio, com uma cruz feita de uma antiga pipa, e a inscrição: “Meu cachorro não sofre do medo do paraíso”.

Crise de consciência

Nossa emancipação na infância foi montar um time de futebol com camisas. Não faríamos mais pelada, mas algo profissional.

Conseguimos uma ponta de estoque de uma loja. Um fardamento horrível, que poderia servir de sinalizador no escuro. A camisa amarelo ovo casca de banana maracujá, brilhante, com bordados em azul, que deixava uma asa acumulada e sem jeito de limpar.

Era mais perto da seleção colombiana do que da brasileira, apesar da gente acreditar no contrário.

O primeiro jogo seria a turma da Rua Lageado (nosso time) contra a Rua Lavras. Eu fiquei com dor de barriga antes da estreia, que seria feita com redes (imagine só!) no colégio Vera Cruz. Tínhamos até técnico, que era um motorista de lotação. Ele dirigia a equipe como o trânsito de Porto Alegre.

Eu vestia a camisa 10, intocável, e imaginei ser cadeira cativa. A bola era minha, mas isso não fazia diferença com a turma da Lavras — ela sempre roubava a bola no final. O treinador pediu para eu sair. O jogo estava empatado sem gols. Aquela rede até o momento não

mostrava utilidade. Achei uma ofensa. Sair no meio da partida significava que não jogava bem. Um fracassado.

Vi quem iria me substituir. Era meu irmão caçula Miguel, dois anos mais novo. Pode parecer bobagem, mas representou minha primeira crise de consciência. Fominha, me interessava unicamente em permanecer em campo. Ao mesmo tempo, olhava seus cabelos encaracolados como um anjo, o corpo magro, com a cara colada na cerca, na expectativa de minhas palavras, de um gesto afirmativo, de uma compreensão súbita. Só eu poderia confiar em sua entrada.

Nunca doeu tanto, fiz força, dobrei o egoísmo. Ele entrou, nervoso com suas chuteiras luzindo e as meias que cobriam os joelhos. Me beijou na testa, pouco se importando com a coloração do suor. Dei minha camisa. Na primeira bola que recebeu, foi correndo como uma locomotiva de cabeça baixa, tricotando, cerzindo a si mesmo, e houve um silêncio maior de todos ao redor para escutar somente a bola estourando no gol.

Hasteando a gravata

Dia da bandeira. 1979. Foi a primeira data em que usei gravata e a única vez em que a combinei com uma bermuda e uniforme escolar.

Minha mãe deu o nó na peça emprestada do pai e a colocou solenemente em meu pescoço. Lembrava uma manta enorme. Era colorida, listrada, com tons vermelho e azul. Cheguei no colégio atrasado, alegre com a novidade que tanto insisti em botar. Os colegas esperavam no pátio.

Ao me enfileirar, talvez em função da gravata gigantesca, a diretora me chamou para hastear a bandeira. Maldita hora em que me vesti como um adulto. Não sabia fazer aquilo. Minhas pernas tremiam como um fantoche. Tinha duas linhas de pescar e necessitava levantar uma delas.

O hino começava a ser executado por um velho toca-discos da sala do audiovisual, mas algo deu errado. O som ficou estacado no mesmo refrão. O toca-discos havia esquecido o próprio hino. Respirei aliviado, já que não era só eu que padecia de dificuldades de decorá-lo. Ganhei tempo para entender como fazer a

flâmula imitar pandorga. A música voltou e todos, até os pássaros mais remotos, me fitavam com civismo.

A bandeira não subia e o hino estava pela metade. Ouvi risos retraídos ao fundo. Era complicado fingir movimentos dos lábios e disciplinar o elevador do poste. Estava desistindo quando me lembrei do gesto materno durante a manhã. Imitai. Puxei as cordas da bandeira como quem puxa as línguas da gravata. Fiz um nó entre o vento e minha respiração.

Coleção Vida em Pedacos

“(...) um dia, distraído do medo, respondi a um colega que derrubou minha merenda. Gritei ‘idiota’ tão alto que deve ter arranhado a vidraça. Finalzinho do recreio, a turma inteira me ouviu. (...) A sentença veio na hora: ‘Te pego na saída’.

Pegar na saída representava luta livre no final, fora dos muros da escola, sem diretora para apartar. Não havia jeito de escapar. O colégio inteiro passou telefone sem fio, a avisar que teria surra antes do almoço.”



Ilustrações ELOAR GUAZZELLI

edelbra

